

O HOMEM DE VERDADE¹:

Olhando pelas lentes pelas quais vêm as mulheres

Sonia de Alcantara
IFRJ/UGB
sonia.alcantara@ifrj.edu.br
Letícia Mendes Pereira, Lohanna Giovanna
Gonçalves da Silva, Flavia de Souza Araujo
IFRJ

Introdução

É muito frequente a discussão acerca do que é o homem de verdade, desde noventa e sete até os dias atuais inúmeros são os trabalhos que abordam esta discussão. Explorar ainda mais esta questão constitui-se um grande desafio, que instiga o surgimento de novos debates e reflexões; traz à tona estudos de gênero e sua valorização. Diante disso evidencia-se a relevância deste trabalho, pois permite investigar e refletir sobre a questão das masculinidades/feminilidades existentes no Instituto Federal do Rio de Janeiro; lançando a ela novos olhares, percebendo perspectivas, desvendando possibilidades e quiçá, assim contribuir para a construção de novos caminhos rumo a uma sociedade mais justa, igualitária e harmoniosa no que se refere ao respeito à dignidade humana.

Neste contexto, o presente trabalho tem o objetivo de discutir questões geralmente silenciadas no cotidiano escolar, no caso a visão da mulher sobre o “homem”, visões diferenciadas, vozes geralmente não ouvidas são apresentadas, buscou-se olhar pelas lentes com que mulheres em diferentes idades e fases da vida enxergam seu “ideal de homem”.

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa sobre questões de gênero no contexto escolar e com tão complexa finalidade, faz-se necessário amplo embasamento teórico, relevante e atual, que conta com renomados autores como Simone de Beauvoir, Guacira Lopes Louro, Judith Butler, Sócrates Nolasco, entre outros.

¹ Parafrazeando título de texto de autoria de Sócrates Nolasco publicado em 1997.

Em sua estrutura apresentar-se-á inicialmente uma breve introdução com o contexto, foco e o objetivo do trabalho, definição e contextualização acerca do tema, a metodologia, o resultado, sua discussão e a conclusão seguida das referências.

Metodologia

Foram entrevistadas mulheres com diferentes idades e níveis de escolaridade: alunas do ensino médio e técnico entre catorze e dezessete anos (dez alunas foram entrevistadas), mulheres que cursaram Economia Doméstica na década de sessenta (seis mulheres foram entrevistadas), atualmente entre sessenta e oitenta anos, alunas do nível médio e técnico do Curso de Agroindústria de idades variadas entre vinte e dois e sessenta anos (seis alunas foram entrevistadas) e uma professora que leciona no Curso Técnico de Agroindústria e Agropecuária, todas tendo em comum o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilo Peçanha.

As entrevistas foram semi estruturadas tendo como foco a perspectiva do que é ser mulher e do ideal de homem para cada uma e posteriormente analisadas considerando relevante embasamento teórico dos renomados autores já citados.

Resultado

A pesquisa mostrou a complexidade das diferentes construções de gênero, além das características idealizadas por mulheres sobre o homem de verdade.

Foi possível perceber o que a nossa cultura, nossa criação social, ensina e acaba criando, sobre o conceito “Ideal” de homem de verdade, que muitas vezes se opõe às idealizações femininas, que adotam como natural, ou seja, biológico, o homem como o mais forte, inteligente, viril, másculo, menos emocional, mais racional, capaz e evoluído, demonstrando a total incapacidade no que se relaciona com o sensível, emocional, afetivo, apenas por serem tidas como áreas femininas, e também naturais, e portanto nunca questionável, daí a raiz das irresponsabilidades cedidas e não questionadas, ao homem, que se ausenta na criação dos filhos, na jornada dupla de trabalho com o trabalho em casa e fora dela. Como mostra Beauvoir: “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (1987 p. 10).

Os homens, ainda hoje são vistos, no muito, como “ajudantes” quando se trata disto, e não como parte integrante e de igual dever e responsabilidade. Por tudo isso e muitos outros motivos, unimo-nos a Louro quando diz que *“A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como ‘natural’* (1997, p. 63) e nessa tarefa nos incluímos.

Visto isso, a pesquisa se baseou em questionar e contribuir para a desconstrução do conceito naturalizado de gênero em que se afirma um discurso biológico, ou seja, que as diferenças de homem e mulher sempre serão o que são, fortalecendo a concepção de que é algo totalmente cultural e transitório, conforme dito por Beauvoir: *“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”* (1987 p.09)

Discussão

Tanto a mulher quanto o homem têm suas características “determinadas” a partir do momento em que é possível se encaixar em uma dessas categorias, mesmo que seja antes de seu nascimento, o que pôde ser observado claramente nas entrevistas com jovens entre 14 a 17 anos.

As adolescentes entrevistadas deram respostas evidentemente padronizadas, em geral retratando um perfil físico tanto da mulher quanto do homem ideal – “homem de verdade” - chegando até a mencionar o comprimento do cabelo, o que deixa dúvida se esse padrão de resposta deve-se à imaturidade juvenil ou ainda por não assumirem múltiplas tarefas mais complexas como ser mãe e trabalhar.

O homem de verdade para as jovens não necessita de tanta responsabilidade ou postura, e sim um biotipo musculoso como um “Deus Grego”, que dificilmente poderá um dia ser encontrado. Poucas das entrevistadas citaram o fato de que o homem terá que ser uma pessoa responsável, sensível e compreensível para saber lidar com o relacionamento a dois.

Contrastando com o que as adolescentes idealizam do homem de verdade, e o que realmente acontece no processo de amadurecimento, concordamos com as ideias de Nolasco e com base nelas afirmamos que eles têm dificuldade para lidar com as características sentimentais, porque no processo de criação, o pai isenta o filho de carinho e afeto, por achar que tais valores não são coisas de um homem de

verdade, devido a isso, as características desejadas pela mulher, não podem ser encontradas na maioria dos homens, pois cultural e socialmente eles são levados a possuir características masculinas e viris, em que o afeto se ausenta e é taxado como “coisa de mulherzinha”.

Já no curso de Economia Doméstica, a maioria das mulheres responde que depois deste curso se casaram, viraram donas de casa e mães, só depois disto foram querer voltar a estudar e começaram a trabalhar caracterizando sua dupla jornada de trabalho, o que é destacado por muitas delas quando foi questionado: o que é ser mulher? As respostas obtidas demonstram claramente que não há conceito único sobre o que é ser mulher, pois como já nos dizia Butler (2004 p.212 apud Paechter 2009, 24) “Gênero não é algo tão claro e unívoco como somos levados a acreditar”. Seguindo isso, temos o relato das mulheres entrevistadas, na sua perspectiva sobre o ser mulher, como algo da sua natureza, o “abraçar o mundo” (Entrevistada B), “ser guerreira, batalhadora, e ainda ser feminina” (Entrevistada A).

Essa dupla jornada de trabalho como uma das entrevistadas descreveu: “Ser mulher é sofrer nesse paraíso. É ter várias jornadas de trabalho, você trabalha em casa antes de ir para o trabalho, você vai para o trabalho, volta, trabalha de novo, e depois você vai pra mais uma jornada pra organizar as coisas do seu trabalho que ficou sem fazer durante o dia, e isso tudo com filho falando mãe brinca comigo? Enquanto que o marido chega, janta, lava a louça, reclamando, no outro dia ele sai de novo e ele não tem esse monte de jornada de trabalho. Por outro lado ser mulher é muito bom, essa capacidade de que só você tem de procriar, de carregar uma criança no ventre. Tudo tem ônus e bônus” (Entrevistada C).

Com esse depoimento é evidente a ausência do homem na criação do filho, que na maioria das vezes não é mencionado nas características do “homem de verdade”, para estas mulheres, pois por sua experiência de vida e de relações acham normal o homem se ausentar das responsabilidades caseiras e paternas, e não buscam mais isto, por acreditarem ser natural e portanto inalcançável nos homens, e também, não tão desejado, pois o filho é a satisfação pessoal e o resumo da felicidade do conceito em ser mulher, que é quem pare e cria individualmente, sem cobranças ou responsabilidades para o homem, e se o filho não segue a educação oferecida, a mulher também se culpa “Mas eu acho que a culpa também é nossa, porque a gente

acaba repetindo a história (na criação) e os caras não evoluem, eu estou vendo isso com o meu filho” (Entrevistada D/Agroindústria). E evidencia Sócrates Nolasco, sobre a criação dos filhos na perspectiva de ambos os sexos:

Tanto o menino quanto a menina crescem acreditando que mulher e homem são o que são por natureza, já nasce sabendo cuidar dos filhos. Por outro lado, os homens estão destituídos naturalmente dessas prerrogativas. Um homem de verdade se constitui no distanciamento dessa cena de cuidados e contatos físicos com as crianças. (NOLASCO, 1997 p. 19)

Conclusão (Para não concluir...)

A partir da pesquisa realizada, notou-se um padrão, um perfil sobre o homem ideal com diferentes visões que variam de acordo com a faixa etária das mulheres entrevistadas.

Confirma-se que a educação dada aos homens, contrária a da mulher, é isenta de carinho e amor pelo pai, que acha que um homem de verdade, não pode adotar atitudes afetivas ou emocionais, caso contrário ele é homossexual. Culturalmente esse pensamento se estabeleceu e hoje é incentivado desde casa até as instituições, principalmente as escolas, que naturalizam a postura do homem como biologicamente menos responsável e mais racional, e a partir disto a mulher idealiza o homem como “super herói”, na realidade desacredita disso, e aceita, por achar normal e natural, a postura dos homens, muitas vezes agressiva e irresponsável.

Longe de se esgotar, a pesquisa abriu horizontes, inúmeras outras possibilidades de investigação, como por exemplo, a percepção de homens e mulheres em relação a si mesmos. Assim, esta pesquisa se constituiu em um ponto de partida para que possamos continuar a trilhar novos caminhos em busca de respostas e de vozes ainda silenciadas neste instigante tema.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero: questões para educação**. In: BEUSCHINI, Cristina;

Nolasco, Sócrates de **Um “homem de verdade”** in. Caldas, Dario. Homens comportamento, sexualidade, mudança. São Paulo, 1997

Paechter, Carrie. **Meninos e Meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminidades**. Porto Alegre: Artmed, 2009.